

# MODELO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO PREJUDICA A AMAZÔNIA

## ENTREVISTA

a Warner Bento Filho  
Da equipe do Correio

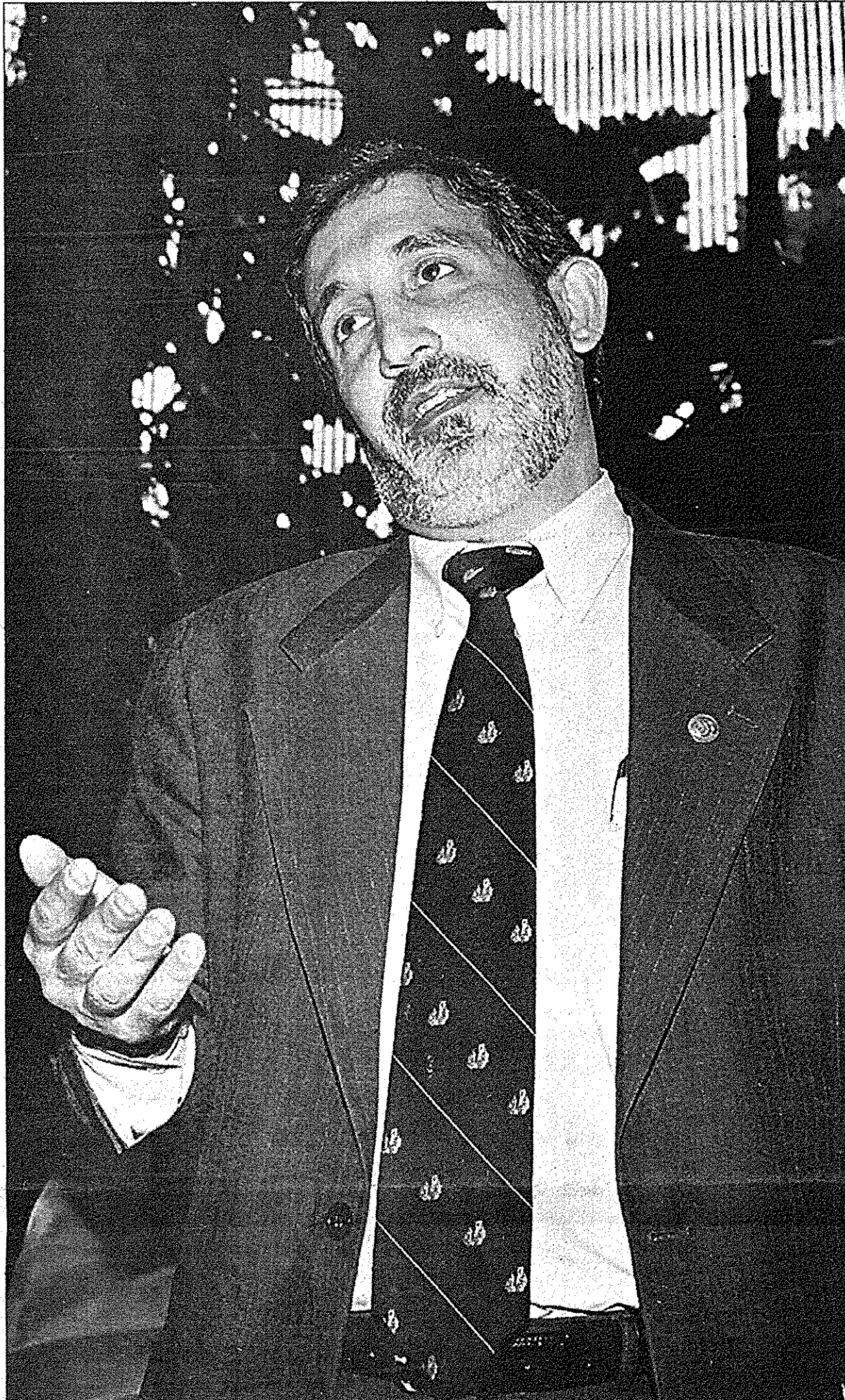
Ex-assessor de Hélio Beltrão no extinto Ministério da Desburocratização, o doutor em Ciência Política Roberto Guimarães, 36 anos, aprendeu a desburocratizar as críticas. Guimarães participou do painel de abertura da conferência internacional sobre a Amazônia, que termina hoje, no Itamaraty. Comparou o Brasil — pela sua ignorância em relação à Amazônia — aos países árabes cem anos antes de descobrirem que estavam sobre as maiores reservas de petróleo do mundo. Criticou o modelo de desenvolvimento ancorado no mercado exterior e aproveitou para ressuscitar um tema que já parecia reduzido aos protestos dos assentados da reforma agrária: o subsídio à agricultura. Lembrou que os países europeus subsidiavam sua agricultura. "Eles são liberais, mas não são idiotas", disse. Radicado em Santiago do Chile há 14 anos, Guimarães trabalha para a Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina e Caribe (Cepal).

**Correio Braziliense — É preciso repensar o processo de ocupação da Amazônia?**

Roberto Guimarães — Não é o padrão de ocupação da Amazônia que tem que ser repensado. É também isso, mas principalmente o padrão de crescimento para o país. O modelo da economia brasileira é crescimento baseado na exportação. Mas a exportação brasileira é 7% do PIB. Então, que sentido faz basear todo o modelo de crescimento em algo tão marginal como o comércio exterior? É óbvio que precisamos ser competitivos se queremos entrar na globalização. Mas quando se quer competir, todo o resto vem a reboque disso. Quer dizer: a idéia, em primeiro, segundo e terceiro lugares é competir. Se der para diminuir as desigualdades sociais, muito bem. Se não der, que pena. Se der para ter preservação ambiental, muito bem. Se não der, que pena. É uma falácia dizer que a gente precisa crescer mais para depois ser mais justo, cuidar melhor do meio ambiente. O Brasil dos anos 50 só ganhava do Haiti em termos de desenvolvimento na América Latina. Hoje, é a nona economia mundial. Nos 50, a renda per capita era de 500 dólares. Agora é de 4 mil dólares. E em termos de exclusão, continuamos no mesmo nível.

# Roberto Guimarães

Carlos Moura



Para Guimarães, o brasileiro não tem noção do valor real da Amazônia: "Somos como os países árabes antes do petróleo"

**Correio — A concentração de renda piorou?**

Guimarães — Piorou. Claro que houve uma melhoria geral. Mas a desigualdade e os níveis de exclusão continuam os mesmos: um quarto da população. Este padrão de crescimento já mostrou que não serve. É muito bom para gerar riqueza. Mas é muito bom também para gerar miséria, exclusão e degradação ambiental. Portanto, se queremos resolver problemas sociais e ambientais, devemos reconhecer que é preciso mudar o padrão de crescimento. Senão, é uma esquizofrenia em que dizemos que queremos a sustentabilidade e queremos ser equitativos mas baseamos todas as nossas decisões em critérios que não têm nada a ver. Se eu me baseio no comércio exterior, não estou interessado no mercado interno. Se não estou interessado no mercado interno, não estou interessado em satisfazer necessidade básica de ninguém. Quero satisfazer necessidade do Mercosul e não da Amazônia.

**Correio — Como o Brasil trata a Amazônia?**

Guimarães — A Amazônia é vista ou como o almoxarifado do Brasil — e alguns tentam que seja o almoxarifado do mundo — em termos de matéria prima, ou é o Central Park, o parque do Brasil. Mas a Amazônia tem duas vezes a

população do Chile e quase duas vezes a população da Argentina. O que se faz com estes 20 milhões de habitantes? A gente discute a Amazônia para o mundo e para o Brasil, e esquece que ela é um país em si mesma. O padrão que se critica é que, como a Amazônia está a reboque desse padrão de crescimento que olha para fora, mas não para o umbigo, você não vai resolver problema nem de dar equidade nem fazer preservação ambiental.

**Correio — É preciso inverter o processo?**

Guimarães — A ocupação da Amazônia que se faz hoje não é olhando a Amazônia por ela mesma, e sim pensando como isso pode contribuir para o Brasil. Isso está de cabeça para baixo. É exatamente o oposto de todo o discurso que se faz em relação ao Nordeste. Quando se pensa em desenvolvimento do Nordeste é sempre em função do Nordeste. Se alguém falasse em Nordeste em termos de como apoiar a produção no Sul, seria considerado um louco. E é isso que estamos fazendo em relação à Amazônia. Ninguém pensa em melhorar as condições de vida dos amazônidas.

**Correio — É a repetição do que fez o europeu quando chegou ao Brasil.**

Guimarães — Exatamente. Quanto mais a Amazônia for

Amazônia, mais vai contribuir. Senão, é como o latifúndio: a acumulação jamais fica na região. E isso não funciona. Isso é a receita do fracasso.

**Correio — O senhor defende os subsídios para a agricultura?**

Guimarães — A gente compra as coisas pela metade. A gente compra o neoliberalismo e esquece que os países mais liberais são liberais mas não são idiotas. É claro que eles subsidiavam. Não estou defendendo o subsídio, mas o que eu quero dizer — com o nome de subsídio ou não — é que a sociedade tem que financiar atividades que não respondem necessariamente a critérios de competitividade nem de mercado. Qualquer sociedade financia as forças armadas. Não existe coisa mais improdutiva, em termos econômicos, que as forças armadas. Elas não participam na produção, não contribuem para o PIB, não contribuem para nada. Perdão, podem contribuir para outras coisas, mas não em termos econômicos.

**Correio — Manter as Forças Armadas é subsídio?**

Guimarães — Isso é subsídio. A sociedade está subsidiando um setor que não é produtivo porque acha que precisa de segurança, que precisa defender as fronteiras. Ou seja, existem valores não econômi-

cos que justificam que você não aplique a racionalidade de mercado, por exemplo, às forças armadas. E se poderiam citar outros, como a Igreja, e uma série de atividades. Isso também deveria ser aplicado a algumas atividades econômicas. Por exemplo, agricultura.

**Correio — O que isso tem a ver com a Amazônia?**

Guimarães — Todo mundo reconhece que é preciso, de alguma forma, remunerar a biodiversidade, para poder mantê-la. Isso não é subsídio? Claro que é. Como eu não sei o valor da biodiversidade, o máximo que eu posso fazer é estabelecer um valor muito caro para a floresta. Eu vou arbitrar um preço, mas nunca vai ser um valor real. Se tiver uma plantinha que tem o princípio ativo da cura da Aids, o valor disso não dá para medir. Então, quando se fala em biodiversidade, a sociedade aceita que é preciso, de alguma forma, entre aspas, subsidiar. Eu tenho que colocar um valor que ajude a preservação disso. Independente de estar no processo produtivo ou não. A mesma coisa deveria se aplicar à agricultura. Se eu vou pela competitividade, é óbvio que qualquer integração econômica significa perder diversidade agrícola. No Chile, há mais de 200 variedades de batata, mas isso não sobreviverá ao Mercosul. Com estas variedades, vão desaparecer modelos de produção e pequenos agricultores. Mas, se você quer manter diversidade, é preciso, de alguma forma, subsidiar a produção de batata que não é competitiva.

**Correio — Dizer isso costuma provocar polêmicas aqui.**

Guimarães — Todo mundo esquece que a Comunidade Econômica Européia subsidia a agricultura com 300 bilhões de dólares anuais. Na Alemanha, o subsídio agrícola é de 2% do PIB. Toda a discussão na França agora é exatamente de subsídio, porque não dá para competir no mercado. E isso não provoca nenhum escândalo lá. Nós compramos estas coisas e não raciocinamos o que significa. De que adianta competirmos mais, aumentarmos as divisas, mas diminuirmos o número de produtores agrícolas? Estamos criando um problema para o futuro. Não só em termos sociais, mas também ambientais. Porque se diminuirmos a diversidade, estamos mais expostos a pragas, estamos mais frágeis em termos ambientais. Resumindo: se queremos falar de desenvolvimento sustentável, temos que deixar de comprar algumas modas que compramos burramente. Porque nem os países que as vendem compram.

**Correio — Qual a importância da biodiversidade da Amazônia?**

Guimarães — Nós somos como os países árabes cem anos antes de descobrirem o petróleo. Estamos sentados no que vai ser a civilização dos próximos cem anos. Eu não tenho dúvida. As próximas gerações de computadores tentarão imitar os circuitos neurotransmissores das plantas. Para onde você olhar, a base é a biodiversidade, a informação contida nela. Seja em termos imediatos — saúde, medicina, química — como em termos até de informática. Quem tem 60% da biodiversidade do planeta, como nós, não precisa mais jogar na loteria. Não estamos sabendo aproveitar isso. A gente só pensa no mundo do passado, que não existe mais. Todo o nosso padrão de crescimento é como a estrela mais brilhante do firmamento que, como sabemos, pode ter apagado há milhões de anos e mesmo assim continuamos recebendo sua luz. É exatamente como está o nosso modelo de crescimento. Pode ser muito bonito, dar muito resultado em termos de estabilidade. Mas é uma luz que já apagou. Está montado num tipo de produção que é insustentável.

## MERCADO X BIODIVERSIDADE

■ "SE EU ME BASEIO NO COMÉRCIO EXTERIOR, NÃO ESTOU INTERESSADO NO MERCADO INTERNO. SE NÃO ESTOU INTERESSADO NO MERCADO INTERNO, NÃO ESTOU INTERESSADO EM SATISFAZER NECESSIDADE BÁSICA DE NINGUÉM."

■ "A GENTE COMPRO O NEOLIBERALISMO E ESQUECE QUE OS PAÍSES MAIS LIBERAIS SÃO LIBERAIS MAS NÃO SÃO IDIOTAS. A SOCIEDADE TEM QUE FINANCIAR ATIVIDADES QUE NÃO RESPONDEM A CRITÉRIOS DE MERCADO."



■ "SE EU VOU PELA COMPETITIVIDADE, É ÓBVIO QUE QUALQUER INTEGRAÇÃO ECONÔMICA SIGNIFICA PERDER DIVERSIDADE AGRÍCOLA. NO CHILE, HÁ MAIS DE 200 VARIEDADES DE BATATA, MAS ISSO NÃO SOBREVIVERÁ AO MERCOSUL."

■ "ESTAMOS SENTADOS NO QUE VAI SER A CIVILIZAÇÃO DOS PRÓXIMOS CEM ANOS. AS PRÓXIMAS GERAÇÕES DE COMPUTADORES TENTARÃO IMITAR OS CIRCUITOS NEUROTRANSMISSORES DAS PLANTAS."